

MALAVITA

TONINO BENACQUISTA

Traduzido do francês por
Isabel Gentil Penha Ferreira

Capítulo 1

Tomaram posse da casa a meio da noite.

Outra família teria visto nisso um princípio. A primeira manhã de todas as que se seguiriam. Uma vida nova numa cidade nova. Um momento raro que nunca deve ser vivido na escuridão.

Os Blake, esses, faziam a mudança a horas mortas e esforçavam-se por não atrair as atenções. Maggie, a mãe, entrou à frente batendo no patamar com o tacão do sapato para afastar eventuais ratazanas, percorreu todas as divisões e terminou na cave, que lhe pareceu salubre com um grau de humidade ideal para envelhecer uma roda de queijos parmesão e várias caixas de *chianti*. Frederick, o pai, como sempre pouco à vontade com os roedores, deixou a mulher movimentar-se, enquanto dava uma volta à casa empunhando uma lanterna de algibeira, até se deter numa varanda onde se amontoavam velhos móveis de jardim cobertos de ferrugem, uma mesa de pingue-pongue empenada e diversos objetos, invisíveis no meio da penumbra.

A filha mais velha, Belle de seu nome, de dezassete anos, trepou pela escada e dirigiu-se para a divisão que viria a tornar-se o seu quarto, um quadrado regular orientado para Sul, com vista para um álcer e para uma orla de craveiros brancos milagrosamente persistentes – adivinhou-os no meio das

trevas, como uma fiada de estrelas. Arrastou a cama de modo a ficar com a cabeceira virada para Norte, mudou a mesa de cabeceira e divertiu-se a imaginar as paredes cobertas com os seus cartazes que tinham atravessado épocas e fronteiras. O quarto vibrava só com a presença de Belle. Era ali que de ora em diante ela iria dormir, estudar as lições, trabalhar a postura e movimentos, amuar, sonhar, rir e por vezes chorar – o seu dia-padrão desde a adolescência. Warren, três anos mais novo do que ela, irrompeu pelo quarto contíguo, sem real curiosidade; pouco lhe importavam a harmonia dos volumes ou o panorama, só lhe interessava a instalação elétrica e uma linha de telefone só para ele. Em menos de uma semana, o seu domínio dos ecrãs informáticos ia permitir-lhe esquecer a paisagem campestre francesa, e até a da Europa, e dar-lhe a ilusão de estar de volta a casa, para lá do oceano Atlântico, de onde vinha e onde regressaria um dia.

O pavilhão, datado de 1900, de tijolo e pedra normanda, distinguia-se por um friso em xadrez de um lado a outro da fachada, e pelos festões de madeira pintada de azul que sublinhavam a orla do telhado, onde se elevava uma espécie de minarete, no ângulo este-oeste. Os arabescos de ferro forjado no portão da entrada davam vontade de visitar aquilo que de longe se assemelhava a um pequeno palácio barroco. Mas, àquela hora da noite, os Blake não queriam saber de estética e só se preocupavam com conforto. A despeito do seu encanto, a pedra velha escondia mal a longevidade, e nada poderia substituir a pequena maravilha de modernidade que fora a casa deles em Newark, Nova Jersey, Estados Unidos.

Encontraram-se os quatro no salão onde, sem trocar uma palavra, dobraram os panos que cobriam os cadeirões, o canapé, a mesa baixa e vários móveis de arrumação, ainda vazios. A chaminé, de tijolos vermelhos e pretos, suficientemente grande para nela se assar um cordeiro, era encimada por uma placa com um brasão esculpido, representando dois

fidalgos em luta com um javali. Fred tirou de cima do madeiro transversal uma série de bibelôs de madeira e atirou-os para a lareira. Qualquer objeto que considerasse inútil, dava-lhe uma súbita vontade de o destruir.

– Aqueles parvos voltaram a esquecer-se da televisão – disse Warren.

– Disseram que traziam amanhã – respondeu a mãe.

– Amanhã de certeza, ou amanhã como da última vez? – perguntou Frederick, tão inquieto como o filho.

– Oiçam ambos, não vão ficar a olhar para mim de lado cada vez que faltar um objeto nesta casa. Dirijam-se-lhes diretamente.

– A televisão não é um objeto, mãe, é a nossa ligação com o mundo, o mundo real, distante desta espécie de barraca oscilante neste buraco cheio de ratos e bosta de boi, que vamos ter de carregar no lombo talvez durante anos. A TV é a vida, é a minha vida, somos nós, é o meu país.

Maggie e Frederick, sentindo-se subitamente culpados, não souberam o que responder e perdoaram-lhe as liberdades de linguagem. Reconheciam a Warren o direito à nostalgia. Só tinha oito anos quando os acontecimentos os tinham obrigado a deixar os Estados Unidos; dos quatro, fora ele quem mais sofrera com isso. Para criar uma diversão, Belle perguntou como se chamava a cidade.

– Cholong-sur-Avre, Normandia! – respondeu Fred, tentando falar tanto quanto possível sem sotaque. Imaginem quantos americanos ouviram falar da Normandia sem saber em que raio de lugar do mundo a situar.

– Pondo de lado o facto de os nossos rapazes terem desembarcado aqui em 44, a Normandia é célebre porquê? – perguntou Warren.

– Pelo *camembert* – arriscou o pai.

– Também o tínhamos em Cagnes-sur-Mer, mas com sol e mar além dele – disse Belle.

– Também havia em Paris, e era Paris – acrescentou Warren.

Todos tinham boas recordações da chegada à capital, seis anos antes. As circunstâncias tinham-nos obrigado a partir para a Côte d’Azur onde tinham permanecido quatro anos, e onde o destino de novo os tinha atingido, conduzindo-os a Cholong-sur-Avre, no Eure.

Separaram-se, para partir à descoberta das divisões da casa que ainda não tinham visitado. Fred parou na cozinha, inspecionou o frigorífico vazio, abriu alguns armários, pôs a mão aberta sobre uma placa de vitrocerâmica. Satisfeito com a zona de trabalho – precisava de um espaço enorme quando lhe vinha a vontade de fazer um molho de tomate –, acariciou a madeira do açougue, os azulejos do lava-loiças, o vime dos bancos altos, empunhou algumas facas, experimentou as lâminas na unha. A sua primeira aproximação passava sempre pelo tato. Procedia com um lugar da mesma forma que com uma mulher.

Na casa de banho, Belle fez poses diante de um soberbo espelho ligeiramente picado de humidade, enquadrado por uma velha moldura de acaju e iluminado por um pequeno foco de vidro já despolido, em forma de rosa, onde estava atarraxada uma lâmpada. De ora em diante, não poderia dispensar aquele reflexo. Maggie, por seu lado, abriu de par em par as janelas do seu quarto de dormir, tirou os lençóis das capas, encontrou em cima do armário os cobertores dobrados, enfiou-lhes o nariz dentro, achou-os limpos, e desdobrou-os por cima da cama. Warren passava de um quarto para outro perguntando:

– Alguém viu a cadela?

Batizada *Malavita* por Fred, uma cadela pastor australiano, cor de cinza, tinha-se juntado à família Blake logo à chegada a França. Um presente de boas-vindas para distrair os miúdos, comprar barato o perdão deles, fazer-lhes esquecer

o desenraizamento, três razões que levaram Maggie a adotar aquela coisinha peluda de orelhas espetadas. Devido à sua espantosa descrição, a cadela não tinha tido problemas em fazer-se aceitar. Nunca ladrava, alimentava-se delicadamente, a maioria das vezes de noite, e passava grande parte do tempo a dormir, geralmente numa cave ou numa lavanderia. Uma vez por dia julgavam-na morta e o resto do tempo, desaparecida. *Malavita* levava uma vida de gato, e ninguém lho censurava. Warren acabou, como esperava, por encontrá-la na cave, entre uma caldeira aquecida e uma máquina de lavar nova. Como todos eles, o animalzinho tinha achado o seu lugar e fora o primeiro a adormecer.

*

A vida à francesa não tinha conseguido acabar com o ritual do pequeno-almoço. Fred levantava-se cedo para ver os filhos partir de barriga cheia, para lhes dar a bênção, e, caso fosse preciso, para lhes reforçar o dinheiro de bolso ou lhes dar um conselho precioso sobre a vida; depois voltava a deitar-se, de consciência tranquila, assim que eles tinham saído a porta. Quase com cinquenta anos, Frederick Blake nunca precisara de começar os seus dias antes do meio-dia e podia contar pelos dedos as manhãs na cama interrompidas. A pior de todas tinha sido para o enterro de Jimmy, companheiro de armas no início da carreira, a quem ninguém tinha ousado faltar ao respeito, mesmo *post mortem*. O velhaco não tinha achado nada melhor do que fazer-se sepultar a duas horas de automóvel de Newark, numa cerimónia marcada para as dez da manhã: um dia estragado de uma ponta à outra.

– Não há cereais, não há tostas, não há manteiga de amendoim – disse Maggie –, têm de contentar-se com o que eu trouxe esta manhã da padaria da esquina: fritos de maçã. Vou às compras logo à tarde, daqui até lá poupem-me as reclamações.